

**REFLEXÕES CRÍTICAS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DO PROGRAMA
ESPORTE EMANCIPAÇÃO – FOCOS DE RUPTURA FRENTE AO PARADIGMA
DA “INCLUSÃO SOCIAL”...**

Ricardo Rezer

Doutorando em Educação Física (UFSC)

Professor do Curso de Educação Física da UNOCHAPECO

Fabiana Letícia Sbaraini

Mestre em Educação Física (UFSC)

Professora do Curso de Educação Física da UNOCHAPECO

Carla dos Reis Rezer

Mestre em Educação Física (UFSC)

Professora do Curso de Educação Física da UNOCHAPECO

André Fávero

Licenciado em Educação Física (UNOCHAPECO)

Gilnei Vianini

Licenciado em Educação Física (UNOCHAPECO)

RESUMO

*O objetivo desse texto é refletir acerca de experiências originadas no PEE, desenvolvido na UNOCHAPECO. A partir da contextualização do programa, o trabalho se insere, de forma crítica, na luta por um aprofundamento da compreensão acerca de algumas implicações da estrutura social contemporânea, a qual influencia decisivamente as ações desenvolvidas nos espaços destinados a projetos sociais vinculados ao esporte, que muitas vezes, acabam incorporando/reforçando códigos, sentidos e significados deste próprio sistema. Pretende-se apresentar argumentos que possam contribuir com novos elementos para esse debate, constituindo **focos de ruptura**, que possam representar formas de resistência ao status quo dominante.*

ABSTRACT

*The objective of this text is to reflect about experiences originated on PEE (Project Emancipation and Sport) developed at UNOCHAPECO. By the contextualization of the program, the work is inserted, in a critical way, in the fight for a deeper comprehension of contemporary social structure, which influences decisively the actions developed in the spaces of social projects linked to sports, and many times incorporate/reinforce codes senses and meanings of this system. It is aimed to present arguments that may contribute with new elements on this debate, constituting **rupture points** that may represent forms of resistance to the predominant status quo.*

RESUMEN

El objetivo de este texto es reflejar sobre las experiencias originadas en el PEE, desarrollado en la UNOCHAPECO. A partir de la contextualización del programa, el trabajo se inserta, de manera muy crítica, en la lucha por el aprofundamiento de la comprensión sobre algunas implicaciones de la estructura social contemporánea, la que le da influencia decisivamente

*las acciones desarrolladas en los espacios destinados a proyectos sociales vinculados al deporte, que muchas veces terminan agregando códigos, sentidos y significados del propio sistema. Se pretende presentar argumentos que puedan contrinuir con los nuevos elementos para el debate, estableciendo **focos de ruptura**, que puedan representar formas de resistencia al status quo dominante.*

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS...

“A máquina expeliu o maquinista, está correndo cegamente no espaço.”.
(HORKEHEIMER, 1976)

Neste texto, pretende-se traçar algumas reflexões críticas a partir de experiências originadas no âmbito do Programa Esporte Emancipação (PEE), desenvolvido na Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECO. Para tal, se faz necessário discutir acerca de algumas implicações do cenário social, cultural, econômico e político da sociedade contemporânea, o qual influencia decisivamente as ações desenvolvidas nos espaços destinados a projetos sociais vinculados ao esporte, que muitas vezes, acabam incorporando e/ou reforçando códigos, sentidos e significados deste sistema.

Nas últimas décadas, vem ocorrendo um aumento significativo da população das cidades brasileiras, em função principalmente, do êxodo rural. Com o processo de urbanização brasileira, as cidades seduzem sujeitos que o campo abrigou durante séculos. Assim, as cidades não comportam todo esse aumento da população, que muitas vezes, não se encontra “qualificada” para o mercado de trabalho (na lógica neoliberal dominante). Conforme Demo (1998) ocorre então, um aumento excessivo do chamado “exército de reserva”, que se multiplica dia após dia, sem perspectivas de solução, formando bolsões de miséria nas periferias das cidades, indicando a necessidade urgente de ações que enfrentem esta situação.

A cidade de Chapecó se apresenta nesse cenário: localizada no oeste de Santa Catarina, com uma população de aproximadamente 170.000 habitantes, é considerada um pólo econômico da região¹. Por isso, um grande número de pessoas migra de cidades vizinhas, na busca por trabalho. Obstante a isso, o número de postos de emprego não é suficiente para atender a alta procura, resultando no crescente aumento populacional, que acaba gerando pobreza, sentimento de alienação e conseqüente impotência social.

Como conseqüência de cenários como este, na (pretensa) tentativa de minimizar este quadro, a proliferação de projetos sociais vinculados ao esporte, tem crescido em nosso país em progressão geométrica. Como exemplo, as ações governamentais apontam na direção de um (falacioso) discurso voltado para a “inclusão social” através do esporte: como exemplo, o discurso presente na maioria das ações do Programa Segundo Tempo², bem como, fomentado também por outras agências (Instituto Airton Senna, Gol de Letra, etc).

O esporte passa então, a apresentar elementos voltados para uma lógica de acomodação e adaptação social, em uma pretensa perspectiva “inclusiva”. Assim, as manifestações esportivas adquirem um *status* que foge de suas possibilidades concretas, e o discurso (ingênuo e/ou atrelado aos interesses do capital) parece configurar um dogma difícil de ser enfrentado: a “inclusão social” através do esporte. Nessa esteira, percebe-se uma banalização

¹ Fonte: Prefeitura Municipal de Chapecó (www.chapeco.gov.br).

² Maiores informações em www.esporte.gov.br

político-epistemológica, como se, ao participar de aulas de dança, futebol, etc, pudéssemos pensar nisso, como “fatores” de inclusão social.

Por exemplo, o termo cidadania³, empregado em diversas propostas sócio-educativas, muitas vezes, se trata mais de uma artimanha verborrágica, a fim de “acomodar” crianças e jovens em projetos de caráter assistencialista, que apenas contribuem com uma maquiagem, um analgésico social, que se manifesta como uma espécie de pseudo-intervenção do estado ou de outras agências, através de um discurso superficial e salvacionista, vinculado ao esporte.

Neste sentido, as perspectivas de enfrentamento a este cenário não podem se resumir a ações que parecem ter a pretensão de “resolver” mazelas construídas historicamente pelas relações desiguais dos homens e mulheres entre si e com o mundo. Possibilidades de enfrentamento ao caos e a barbárie que se manifesta na contemporaneidade, passam por ações no campo político, econômico e social, o que implica em uma luta coletiva pela dignidade humana.

É possível afirmar que, enquanto muitos professores “engasgarem” ao entrar no debate referente às questões aqui levantadas, se faz necessário um amadurecimento político-epistemológico (o que definitivamente, ainda não ocorreu em muitas propostas). Obstante a isso, enfrentar as questões levantadas por este texto, representa uma luta que se apresenta como uma posição política possível de ser assumida com dignidade, em tempos de barbárie.

Nesse sentido, com a humildade de quem se propõe a aprender, sem abrir mão de princípios, entendendo suas limitações, as proposições do PEE se manifestam como um meio de enfrentamento e resistência aos dilemas que ora se apresentam.

2. O PROGRAMA ESPORTE EMANCIPAÇÃO – UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO...

O PEE é desenvolvido pela UNOCHAPECO e tem como objetivos: a) contribuir no processo educativo de crianças e adolescentes; b) contribuir na luta pela consolidação da cidadania e autonomia, contribuindo com o processo de emancipação humana; e c) proporcionar aos acadêmicos da instituição, um espaço de laboratório, com ações articuladas entre ensino, pesquisa e extensão;

Neste sentido, “emancipação” evidencia nossa perspectiva de entendimento de ser humano, dentro de um contínuo processo de desenvolvimento, transformação e construção da capacidade de autonomia responsável, onde a democratização de oportunidades pode representar uma forma de participação na construção de um novo modelo social, alicerçado por valores humanos na perspectiva de superar desigualdades sociais (baseados em KUNZ, 2000, 2001 e ADORNO, 1995).

O PEE iniciou suas atividades em 2003, quando algumas equipes esportivas de Chapecó solicitaram formalmente apoio da universidade, pensando nas relações de aprimoramento e formação de atletas. Inicialmente, o PEE se apresentou no sentido de fomentar as categorias de base, onde a universidade, através do curso de Educação Física (EF) disponibilizava estagiários e professores, a fim de desenvolver treinamentos em diversas modalidades esportivas (vôlei, basquetebol, futebol, handebol, judô e xadrez), *tales e quales* diversos outros projetos esportivos se apresentam.

³Não é objeto deste texto, discorrer acerca da concepção de cidadania que o norteia, mas para situar a discussão, a entendemos, basicamente, como direito a ter direitos, e com tudo que isso implica. (ARENDR, 1998).

Um amplo processo de discussão e reflexão acerca dessa proposta e das responsabilidades de uma universidade comunitária, ao longo de 2004 e 2005, fez com que as ações fossem sendo redimensionadas. Esse processo, similar a um “olhar para dentro”, sem perder de vista os horizontes do contexto, possibilitou extrapolar a prática de modalidades esportivas.

Assim, os sujeitos desta proposta foram contribuindo para a construção de um outro paradigma, que vem se apresentando através de diversos projetos interligados, envolvendo ações diversificadas vinculadas a diversos campos do conhecimento, e não mais somente ao campo da Educação Física.

Então, a partir de 2006, o PEE passou a ser constituído por diferentes projetos da UNOCHAPECO, onde participam aproximadamente 1.000 sujeitos⁴. A fonte de recursos do Programa tem sua origem na Fundação Universitária de Desenvolvimento do Oeste (FUNDESTE), mantenedora da referida instituição. Assim sendo, os sujeitos que participam do PEE não pagam nenhum tipo de taxa ou mensalidade.

O PEE, coordenado por professores do Curso de Educação Física, conta (diretamente) com a participação de 25 estagiários, 03 técnico-administrativos e 08 professores de 05 cursos da UNOCHAPECO (Educação Física, Farmácia, Fisioterapia, Letras e Matemática). A partir de profundas alterações na estrutura inicial, o PEE se estruturou em 02 blocos, conforme a seguir⁵:

BLOCO 01:

As aulas deste bloco são desenvolvidas na UNOCHAPECO, duas vezes por semana e esporadicamente aos finais de semana (oficinas⁶), no contra turno escolar, com aproximadamente 200 crianças e adolescentes⁷, com idade entre 06 e 14 anos⁸. O Bloco 01 é composto por seis turmas mistas, formadas por alunos (as) com idades aproximadas⁹.

O Grupo de Trabalho (GT) deste bloco (15 estagiários, 03 técnico-administrativos e 07 professores) realiza reuniões pedagógicas semanais, onde os problemas no desenvolvimento dos projetos são discutidos a luz de obras e textos que possibilitem um diálogo com a literatura pertinente a este contexto, além da elaboração e planejamento das ações a serem desenvolvidas nas aulas.

⁴ A maioria dos participantes são crianças, mas em alguns projetos, conforme abordamos mais a frente, participam jovens e adultos.

⁵ Devido ao limitado espaço destinado a este texto, as proposições desenvolvidas nos dois blocos constituintes do PEE serão apresentadas de forma bastante breve.

⁶ Em alguns finais de semana, são realizadas oficinas, com diversos temas em cada uma delas: arte, esporte, jogo, lutas, canto, entre outros, a partir de propostas que vão surgindo no contexto dos próprios projetos.

⁷ Cabe destacar que não são apenas alunos considerados em “miseráveis” que podem participar do programa, passando pelo “vestibular da pobreza” (os miseráveis passam). Contrapondo-se a isso, alunos das classes sociais C, D e E participam em conjunto nas aulas, pois são filhos da classe trabalhadora, que constituem o cerne das perspectivas de transformação traçadas nesta proposta.

⁸ Este não é um “ponto de corte”, mas sim, um indicativo de que as ações propostas pelo PEE tem elementos que se aproximam a alunos com esta faixa etária. As ações desenvolvidas não são pensadas, por exemplo, para alunos de 03 anos, nem para alunos de 18 anos, mas sim, para os grupos que se constroem a partir das relações estabelecidas ao longo da proposta. Portanto, a idade trata-se de uma referência importante (mas não única).

⁹ Novamente, cabe ressaltar que o critério da faixa etária é levado em consideração apenas para referência metodológica, pois as relações de amizade e vizinhança se manifestam concretamente na organização dos grupos.

As aulas são desenvolvidas através de problematizações vinculadas aos temas que são abordados (de acordo com o planejamento), enfatizando a importância da coletividade, a fim de proporcionar situações de co-decisões nas ações desenvolvidas, através de temas específicos, adjacentes e subjacentes aos recortes de cada projeto. No primeiro semestre de 2006, por exemplo, os temas norteadores de todos os projetos foram: violência, gênero e copa do mundo. No segundo semestre de 2006, os temas foram: corpo e movimento humano, além de trazer relações com os temas do semestre anterior. Interessante destacar que, a partir dos acordos traçados, todos os projetos deste bloco se engajaram em contextualizar nas aulas, os temas propostos, mesmo com exemplos de extrema dificuldade.

O bloco é constituído por 06 projetos, desenvolvidos pelos cursos de Educação Física, Fisioterapia, Letras e Matemática. Cabe lembrar que há um horário semanal para as aulas e os (as) alunos (as) participam dos projetos, em forma de rodízio [importante destacar que todos (as) os (as) alunos (as) participam de todos os projetos]. A seguir, serão brevemente apresentados os projetos que constituem este bloco:

a) **Projeto Escola Cultura de Movimento:** (EF), aborda sobre diversas manifestações da cultura de movimento: jogo, esporte, lutas, ginástica, entre outros, estabelecendo uma relação com o desenvolvimento e a construção de valores humanos, através do resgate de jogos populares, atividades lúdicas e orientações sobre educação e saúde.

b) **Projeto Cantando com Alegria:** (Letras), propõe ações que trabalham com aulas de canto, objetivando proporcionar aos alunos, maior auto-estima, responsabilidade e conhecimento de suas possibilidades. Para tanto, é realizado um estudo crítico acerca das entrelinhas presentes nas mensagens das músicas trabalhadas em aula.

c) **Dança:** (EF) tem por premissa básica, promover o entendimento da dança como sendo uma produção cultural construída ao longo da história de homens e mulheres. Interessante destacar que as turmas mistas apresentam alguns avanços muito significativos, tais como a participação mais concreta dos meninos, como resultado de um amplo processo de discussão sobre gênero e sexualidade, promovida ao longo das experiências desenvolvidas no PEE.

d) **Matemática Lúdica:** (Matemática) apresenta como objetivos, oportunizar as crianças e adolescentes uma (re) significação de sua relação com a matemática, de forma que dinamize seu desempenho na escola formal e, principalmente, lhe oportunize a vivência em uma sociedade organizada, de forma ativa, competente e autônoma. O imaginário social se encarrega de considerar a Matemática como sendo tediosa ou complexa em demasia (ou seja, fora do alcance). Interessante perceber que, obstante a isso, a relação de aproximação que muitas crianças vem apresentando com a matemática, vem promovendo a quebra de outro paradigma, referente a este campo do conhecimento.

e) **Literatório:** (Letras) proposta desenvolvida desde 2001, se apresenta no incentivo à leitura e contação de histórias. A partir de 2006, o Literatório passou a ser parte integrante do PEE. Discutir sobre histórias, contos e poemas da cultura literária, pode contribuir na aquisição de elementos críticos que possam ampliar a dimensão interpretativa referente aos valores culturais adquiridos no processo de formação em idade escolar.

f) **Fisioterapia Preventiva:** (Fisioterapia) objetiva proporcionar uma compreensão ampliada sobre os diversos conceitos de saúde e doença, promoção de saúde e qualidade de vida, estabelecendo uma relação com o desenvolvimento das crianças e suas famílias com a construção de valores humanos.

BLOCO 02: Apoio a projetos esportivos sociais.

O PEE também atua em outros contextos, através do bloco denominado de “**Apoio a projetos esportivos sociais**”, que se apresenta através de parcerias da universidade com diversas instituições, no sentido de potencializar ações que se aproximam dos objetivos do PEE. O GT deste bloco conta com 15 estagiários, 03 técnico-administrativos e 08 professores de 05 cursos: Educação Física, Farmácia, Fisioterapia, Letras e Matemática.

As ações deste bloco acontecem nos seguintes projetos:

- **Esporte Adaptado:** (EF) desenvolvido na APAE (Associação Pais e Amigos dos Excepcionais) de Chapecó, propõe a tematização de manifestações da cultura de movimento, integradas com outros conhecimentos, na perspectiva de lidar com a complexidade das limitações e enfrentamentos que se apresentam neste espaço.
- **CETER/NAPS:** (EF, Farmácia) se subdivide em dois contextos públicos, tendo a cultura de movimento como epicentro temático das intervenções pedagógicas:
 - CETER (Centro Terapêutico Dílson Cecchin): aulas para/com dependentes de substâncias psicoativas (álcool e drogas) em recuperação;
 - NAPS (Núcleo de Apoio Psicossocial de Chapecó), onde são desenvolvidas aulas com/para pacientes com transtornos psiquiátricos,
- **Projeto Viver:** (EF, Farmácia) proposta desenvolvida por uma Organização Não-Governamental (Sociedade Espírita Amigos de Dom Inácio de Loyola) com aproximadamente 180 crianças e jovens com idades entre 06 e 16 anos, aproximadamente. Esta proposta é voltada para objetivos muito próximos dos estabelecidos pelo PEE. São desenvolvidas oficinas, eventos, palestras e aulas regulares de diversos campos do conhecimento, todos os dias, no contra turno escolar dos participantes.
- **Futsal Palmitos:** parceria desenvolvida com a Prefeitura Municipal de Palmitos, que objetiva fomentar a prática do futsal para crianças e jovens.
- **Tênis Comunitário:** parceira com a UNIMED/Chapecó, se apresenta de forma muito similar ao projeto anterior, na perspectiva de fomentar a prática do tênis para crianças e jovens.

Estes dois últimos contextos (Futsal e Tênis) são exemplos que se apresentam a partir de uma perspectiva hegemônica de esporte, que se manifesta nas aulas, principalmente pelo método parcial de ensino. Estes contextos vão ampliando (vagarosamente) a dimensão de compreensão do esporte e suas relações com o mundo infantil. Outro aprendizado doloroso do PEE, mas importante, se refere à paciência necessária para mudanças¹⁰.

¹⁰ Podemos lembrar de memória, uma frase do professor Ireno A. Berticelli, citado neste texto: “muitas vezes, as ondas demoram a chegar...”.

Nessa esteira, Vago (1996), propõe a construção de uma cultura esportiva escolar, o que sem dúvida, se apresenta na direção proposta como desafio pelos sujeitos que constituem o PEE.

Cabe destacar que nestes cenários, obviamente por se tratar de parcerias, o nível de autonomia do GT do PEE é mais limitado. Nessa direção, algumas possibilidades se abrem, tais como a necessidade de ampliação do conhecimento que fundamenta as posições assumidas, a fim de sustentar as argumentações¹¹ propostas, sem perder a humildade presente no cuidado de não tentar a tudo explicar/resolver, mas aprender a construir as soluções no coletivo.

3. ALGUMAS CONCLUSÕES (REALMENTE) PROVISÓRIAS...

[...] temos de nos despedir em definitivo de qualquer concepção redentora própria de meta-narrativas pretensiosas, [...] sem, contudo, capitular ante as possibilidades de mudanças locais, parciais, das conquistas localizadas e limitadas, mas reais, das lutas demarcadas dentro dos limites reais e possíveis, sem deixar esmorecer o desejo das conquistas de espaços delimitados, por um lado, na sua extensão, mas totalizantes em seus pequenos benefícios e avanços. (BERTICELLI, 2006, p. 45)

Talvez as maiores conclusões dessa proposta possam ser estruturadas como questões que não se calam diante das contradições e paradoxos presentes na estrutura social contemporânea. Acredita-se que propostas tais como estas, podem ser pensadas como possibilidades de socializar/construir/refletir acerca de saberes/conhecimentos produzidos pela humanidade. Não se trata, absolutamente, de pensar pela via da “inclusão social”, visto que essa questão depende de outros fatores, mais complexos, tais como políticas públicas, articulação das comunidades, dos movimentos sociais, resistências políticas ao processo de liberalização e domínio do capital, enfim, de um processo de ressignificação das relações humanas. Mesmo porque, o esporte não pode ser percebido como instrumentos de compensação da pobreza.

Lidar com esta perspectiva trata-se de uma tarefa hercúlea, visto a introjecção de elementos no imaginário social, que vão constituindo uma percepção salvacionista do fenômeno esportivo.

Fazendo referência a Savater (2006, p. 07), “Ter a mente aberta e esquecer os sectarismos e as ortodoxias nos permite ser pessoas melhores, sobretudo nestes tempos em que a complexidade das situações torna difícil compreender o presente do homem”.

A partir destas posições, “emancipação” é aqui entendida como um eterno processo, onde se manifesta a coragem para enfrentar os desafios do mundo. Para Adorno (1995), o processo emancipatório é buscado na ação pedagógica, mas se concretiza no indivíduo, com a afirmação do eu.

Nessa esteira, Adorno (1995), afirma que não tem sentido uma escola sem professores, mas que, por sua vez o professor precisa ter clareza que a sua tarefa principal consiste em se tornar supérfluo. Isso remete a uma relação pertinente ao tratarmos de um tema como o abordado nesse texto: o PEE poderia ser compreendido assim? Suas maiores possibilidades

¹¹ Talvez aqui se apresente uma questão preponderante para o avanço de propostas desta natureza: a busca por maior aprofundamento teórico.

não seriam exatamente quando sua intervenção fosse desnecessária, onde os grupos envolvidos teriam adquirido possibilidades mais autônomas de auto-organização, criando/conquistando condições objetivas para tal?

O que o GT do PEE realmente **não** se propõe, é fomentar ainda mais a lógica da “inclusão social” precária, hipócrita e excludente, pautada na dependência a outrem.

Nessa direção, pode-se pensar na aproximação de propostas como essa, da lógica do contexto escolar, e não, como comumente observa-se, da lógica do contexto esportivo. Talvez seja possível pensar em substituir o paradigma hegemônico da iniciação esportiva presente em muitos projetos sociais vinculados ao esporte, por uma aproximação concreta com as organizações, tempos e espaços da escola, onde as aulas poderiam ser percebidas como uma extensão do sistema escolar, e não como se manifesta no mundo moderno, como uma extensão do sistema esportivo.

Muitos projetos esportivos sociais ocupam os espaços das escolas e universidades, em períodos do contra turno escolar, o que justifica ainda mais a preocupação em aproximar o pano de fundo do contexto escolar destas práticas pedagógicas. A escola ou a universidade não podem servir apenas de palco para o desenvolvimento de ações orientadas quase que exclusivamente por um paradigma, muitas vezes, estranho a elas. Embora se reconheça que, por serem instituições sociais atravessadas pela cultura, tanto as escolas quanto as universidades reproduzem e muito, contradições presentes na modernidade.

Assim, reflexões como estas podem contribuir com um aprofundamento acerca da realidade social em que vivemos, onde projetos sociais (muitas vezes) passam a ser considerados barganhas políticas, capital simbólico de troca, e expressões como “marketing social” tem se apresentado de forma tão evidente. O esporte aparece (ainda) com uma roupagem messiânica e salvacionista, com a pretensa, falaciosa e arrogante idéia de “consertar” os problemas do mundo, “tirar” as crianças da rua, “ocupá-las” com atividades saudáveis, enfim, oferecer em bandejas de prata, elementos que não são suficientes para a superação do quadro de desigualdades sociais que se apresenta cotidianamente.

Considera-se pertinente refletir acerca de algumas possibilidades de avanço nesse cenário, fruto das experiências na articulação do PEE, conforme a seguir:

Talvez o primeiro ponto se apresente na necessidade de **aprofundamento teórico**, pautado a partir de pressupostos críticos. Não há outra forma de possibilitar ampliação das perspectivas de intervenção, senão tratar da ampliação das perspectivas de entendimento dos fenômenos que se apresentam em proposições tais como esta.

Outro ponto significativo trata-se da **articulação política** com os segmentos que compõe os contextos. Como são as relações com as comunidades, com os movimentos humanos que compõem a proposta? Elas se vêm na proposta? Nessa direção, proporcionar fóruns de discussão acerca dos rumos (reuniões, fóruns de discussão,...), traz um sentimento de pertencimento, onde os sujeitos (pais, alunos, professores, direção,...) podem se perceber como parte dos encaminhamentos acordados, no sentido de enfrentar (o quanto ainda se possa) a idéia de população consumidora de políticas sociais (leia-se assistencialistas).

Dessa forma, se torna possível ousar na construção de **experiências pedagógicas críticas** nas aulas, que possam se apresentar como intervenções concretas, constituindo um desafio na direção de promover pequenos avanços.

Nessa direção, não acredita-se em “soluções” a partir de mudanças conjunturais de grandes proporções, impostas de cima para baixo, mas sim, nas pequenas lutas, ou no que pode ser denominado de “pontos de fuga” (REZER, 2003, 2006), **focos de ruptura**, onde pequenas oportunidades podem representar formas de resistência ao *status quo* dominante,

levando em consideração os desafios conjunturais que se apresentam. Um grande desafio consiste em contribuir na articulação dos movimentos humanos que caminham para esse enfrentamento, mesmo em micro contextos. Essas considerações encontram eco em Berticelli (2006), quando ele afirma, como citado na epígrafe inicial deste tópico, que não podemos capitular frente às possibilidades de conquistas localizadas e limitadas, mas reais, das lutas demarcadas dentro dos limites reais e possíveis.

Assim sendo, esse breve texto pode ser pensado como um processo pelo qual o PEE vem passando, na busca por fundamentar de forma crítica suas proposições, percebendo suas limitações e a necessidade de interlocução com outros campos do conhecimento, que não aqueles normalmente presentes na Educação Física/Ciências do Esporte.

Novos desafios se apresentam ao PEE na atualidade, tais como: é necessário pensar na diminuição da distância entre os campos do conhecimento que constituem o PEE¹²; é imperioso promover maior aproximação com as famílias dos sujeitos que participam dos projetos; urge alavancar a produção de pesquisas que possam tratar das questões aqui levantadas com maior profundidade; entre outras limitações que o atual momento histórico do PEE apresenta.

Obstante a isso, com este breve texto, não se teve a pretensão de apresentar respostas definitivas, mas sim, alavancar ainda maiores pontos de interrogação, ampliando o exercício da dúvida, do questionamento e da inquietação. Finalizando, concorda-se com Fensterseifer (2004), quando afirma que diante da complexidade, é melhor ficar verdadeiramente angustiado pela dúvida, do que falsamente esclarecido, o que representa possibilidades de resistência aos ventos neoliberais que tanto sopram na contemporaneidade. Talvez esta perspectiva possa se apresentar como uma posição política possível de ser assumida com dignidade, em tempos de “barbárie”.

4. REFERÊNCIAS:

ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

BERTICELLI, I.A. **Epistemologia e educação** – da complexidade, auto-organização e caos. Chapecó: Argos, 2006.

DEMO, P. **Charme da exclusão social**. Campinas, Autores Associados, 1998.

FENSTERSEIFER, P.E. **Os movimentos da Educação Física** – o que eles apontam? Anais do II Congresso Sul-Brasileiro de Ciências do Esporte: Criciúma, 2004.

HORKEHEIMER, M. **Eclipse da Razão**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

¹² Como exemplo, este texto foi produzido pelos professores de Educação Física que trabalham no PEE. Seria possível avançar as proposições deste texto, a partir da interlocução entre Educação Física e os outros campos do conhecimento que constituem o PEE? Este é um desafio imperioso na articulação dos acordos epistemológicos que possam sustentar as posições demarcadas ao longo desta proposta.

KUNZ, E. **Educação Física**: ensino e mudanças. 2a. Ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

REZER, R. **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal** – possíveis perspectivas de superação. Dissertação (Mestrado). Centro de Desportos. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2003.

REZER, R. O fenômeno esportivo: ponderações acerca das contradições do paradigma da 'iniciação'... In: REZER, R. (ORG). **O fenômeno esportivo** - ensaios crítico reflexivos. Chapecó: Argos, 2006.

SAVATER, F. **Os sete pecados capitais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VAGO, T.M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. **Revista Movimento**. Ano III. No. 5. 1996/2.

Ricardo Rezer

R. Domingos Cherubin, 91-D. Bairro Palmital.
Chapecó (SC). CEP: 89814120.
Fone: 049.3323-5499/049-8406-1530
rrezer@hotmail.com

Fabiana Letícia Sbaraini

Fone: 049-3321-8215
fabisbara@unochapeco.edu.br

Carla dos Reis Rezer

Fone: 049-3321-8215
rezer@unochapeco.edu.br

André Fávero

Fone: 049-3321-8215
andrefvr@unochapeco.edu.br

Gilnei Vianini

Fone: 049-3321-8215
ginei@unochapeco.edu.br